

Emergência do futuro perifrástico no português carioca: o princípio da marcação*

Helena Gryner**

Resumo



Este trabalho problematiza a atuação do princípio funcional da marcação. Focaliza a variação e mudança do futuro do presente no português carioca e discute, mais especificadamente, o processo de gramaticalização da forma perifrástica. São analisadas três variantes: futuro sintético, futuro perifrástico e presente com referência futura. Confirmou-se que o processo que origina o futuro perifrástico correlaciona-se a mudanças nos valores da frequência, da acessibilidade cognitiva e da complexidade formal, ou seja, à inversão dos valores da marcação. Palavras-chave: variação e mudança; marcação; futuro verbal.

* Este texto é uma versão revista e ampliada de comunicação apresentada no *XVII International Congress of Linguists*, realizado em Praga, República Tcheca, em julho de 2003. Agradeço ao Prof. Dr.A.J. Naro as valiosas sugestões. Naturalmente, as falhas são de nossa inteira responsabilidade.

** PEUL/UFRI

Introdução

Este trabalho analisa a atuação do princípio funcional da marcação na variação e mudança das formas verbais de futuro do presente no português carioca. Mais particularmente, focaliza a evolução da construção perifrástica nos últimos vinte anos. Discutem-se os valores da frequência, da acessibilidade cognitiva e da complexidade formal - critérios que definem os valores da marcação - na evolução do futuro perifrástico. São analisadas três variantes: o futuro *sintético* ou flexionado (*cantarei*), o futuro *perifrástico* (*vou cantar*) e o *presente* do indicativo usado com referência futura (*canto*).

Pesquisamos, numa primeira etapa, a oposição entre a variante flexionada (futuro sintético) e as não flexionadas (presente e futuro perifrástico), em verbos modais e não-modais, que caracteriza os dois registros mais polarizados. A distribuição dos usos reflete a origem do futuro perifrástico em construções com verbo modal no presente. A parte central da pesquisa analisa estatisticamente a evolução das formas de expressão do futuro em verbos modais e não modais, nas modalidades falada e escrita. Segundo a perspectiva laboviana, correlacionamos as variantes às variáveis tempo real e atitude epistêmica, associadas respectivamente à mudança em progresso e à acessibilidade cognitiva.

Os resultados descrevem a correlação entre as etapas da gramaticalização do futuro perifrástico e mudanças nos valores de marcação.

1 O futuro do presente em português

Os dois processos de formação do tempo futuro nas línguas românicas constituem exemplos clássicos de gramaticalização (Hopper & Traugott, 1993). No primeiro ciclo de gramaticalização, uma estrutura complexa formada pelo verbo modal *habere* no presente do indicativo (1ª pes sg *habeo*) seguido de infinitivo (*cantare*) é sintetizada na forma flexionada (*canta-rei*), como em (1), abaixo. No segundo ciclo, mais recente, um novo verbo modal no presente do indicativo (1ª pes sg *vou*) passa a ser gradativamente mais dependente, tanto sintática quanto semanticamente, da forma infinitiva que o segue (*vou cantar*), como em (2), abaixo:

- (1) Eu jamais *serei* (futuro flexionado) capaz de revelar segredos que possam vir a causar problemas para as pessoas (fala informal).
- (2) Até agora o Botafogo só tá enrolando. Sou Botafogo e *vou ser* (futuro perifrástico) sempre. Mesmo que não ganhe muito eu *vou ser* (futuro perifrástico) (fala informal).

Uma terceira forma, o presente do indicativo, alterna com as duas outras e permanece estável desde a origem do português. Como o sistema verbal das línguas românicas opõe basicamente passado a não-passado, o futuro não exige necessariamente qualquer marca temporal explícita, podendo, portanto, ser expresso pelo presente do indicativo (*canto*). Esta terceira variante, não-marcada, é bastante

produtiva, especialmente em contextos de referência temporal futura, como em (3):

- (3) Se a pessoa me contar uma coisa e pedir segredo eu *guardo* (presente). Agora, se me contar uma coisa por contar... eu não *guardo* (presente) segredo, né? (fala informal.)

Em síntese, temos:

- forma sintética: *ganhar* -*rei*
'*havei*' pres ind
- forma perifrástica: vou ganhar
ír'pres ind
- forma não marcada:
(presente pelo futuro) *ganho* -

As mesmas formas de representação do futuro, em distintas distribuições, foram apontadas e analisadas no francês canadense (cfr. Poplack & Turpin) e em português (cf. Santos, 1997; Gibbon, 2000; e Santos, 2000). Os resultados destes trabalhos sobre o Português Brasileiro contemporâneo apontam um forte efeito da modalidade e do registro, em suas formas mais polarizadas, ou seja, escrita formal e fala informal (cf. tabela 1, abaixo).

Em duas amostras de modalidade escrita de natureza distinta - textos escritos de revistas de alcance nacional e transcrições de discursos pronunciados no Congresso Nacional, em Brasília - Santos (1997) registrou a variação entre *futuro sintético* e *presente do indicativo*. Por outro lado, entrevistas orais informais realizadas em Santa Catarina (Gibbon, 2000) apresentam variação entre o *futuro perifrástico* e o *presente do indicativo*. Por fim, o estudo do português falado formal, usado em debates telefônicos em emissoras do Rio de Janeiro (Santos 2000) registra as três variantes.

A tabela 1, abaixo, descreve a distribuição das variantes *sintética*, *perifrástica* e *presente* nos três níveis de formalidade (modalidade/registo), nas três amostras:

Tabela 1 - Distribuição das três variantes de futuro no PB segundo o grau de formalidade (modalidade/registo)

Modalidade/registo	<i>amarei</i>	<i>amo</i>	<i>vou amar</i>	total
Escrita formal (Santos, A.M.1997)	76%	01%	22%	1055
Fala formal (Santos, J.R. 2000)	30%	41%	30%	941
Fala informal (Gibbon,A.O.1997)	05%	38%	55%	871

Os resultados acima sugerem que:

¹ As três formas do futuro foram encontradas no mesmo contexto ao longo dos últimos 100 anos (Gryner, Spinelli e Albuquerque, 2003). Trata-se de uma amostra de textos escritos próximos da conversa informal: as histórias em quadrinhos infanto-juvenis (ver adiante).

- i- na escrita formal a forma *sintética* (*ganharei*) é a mais freqüente (76%), contrapondo-se à forma *perifrástica* (*vou ganhar*), que é pouco pronunciada (22%) e ao *presente* (*ganho*) (01%), inibido neste contexto;
- ii- na fala formal as taxas são mais equilibradas. Comparados aos índices da escrita formal, a forma *sintética* (*ganharei*) apresenta-se bem restrita (30%), a forma *perifrástica* (*vou ganhar*) mantém-se no mesmo patamar (30%) e a freqüência do *presente* (*ganho*) tem um aumento considerável (41%);
- iii- na fala informal a presença do futuro *sintético* (*ganharei*) reduz-se a taxas residuais (05 %), ao contrário do futuro *perifrástico* (*vou ganhar*), que apresenta as taxas mais altas neste contexto (55%). A taxa de presente da fala informal (38%) equivale à da fala formal.

As taxas mais extremas da tabela parecem sugerir que as variantes se agrupam duas a duas: futuro sintético *vs* perifrástico no contexto escrito formal e futuro perifrástico *vs* presente, no contexto falado informal. Estudos independentes¹ podem induzir-nos a concluir que as duas alternâncias - entre futuro sintético e perifrástico e entre futuro perifrástico e presente - constituem dois processos não relacionados. Entretanto, evidências sincrônicas e diacrônicas explicitam a conexão sistemática entre as três variantes, refutando tal hipótese:

- i- Historicamente, tanto *habeo* + Inf como *vou* + Inf são formas construídas por verbos modais (cf. Bybee, 1994) no *presente do indicativo*;
- ii- Sincronicamente, tanto *habeo* + Inf quanto *vou* + Inf alternam com o *presente do indicativo*, a variante estável do futuro (cf. Gryner, 2003), no PB atual.

2 O problema

Neste trabalho procuramos estabelecer os vínculos entre as três variantes de futuro e demonstrar o papel do princípio da marcação na variação e mudança destas formas.

Os critérios que distinguem as formas marcadas das não marcadas são bem definidos: *distribuição estatística*, *complexidade formal* e *complexidade cognitiva*. Assim, o presente do indicativo é formal e cognitivamente menos complexo e estatisticamente mais freqüente: espera-se, portanto, que ocorra em contextos não marcados. O futuro sintético, ao contrário, apresenta maior complexidade morfológica e é, ao mesmo tempo, mais complexo cognitivamente sendo também estatisticamente menos freqüente: espera-se que ocorra em

contextos marcados. Dentro deste quadro, qual o valor de marcação do futuro perifrástico? Marcado como o futuro sintético ou *não-marcado* como o auxiliar *ir* no presente? Como, se é que atua, o princípio da marcação atua em situações de mudança em progresso, como na forma emergente do futuro perifrástico? Para responder a esta questão analisamos quantitativamente o uso das três formas de futuro comparando o efeito das diferentes épocas e contextos.

3 Os corpora

Pesquisamos diferentes amostras da fala da mesma comunidade, o Rio de Janeiro, de modo a abranger os dois extremos do contínuo de formalidade/modalidade: escrita formal e fala informal; a última, em dois diferentes momentos históricos. Examinamos ainda a escrita informal em dois momentos. Foram analisados 2764 dados.

A primeira amostra - modalidade falada informal - consta de 16 entrevistas realizadas em 1980 (amostra CENSO do PEUL/UFRJ). É fonte de 484 dados; a segunda amostra - modalidade falada informal - consta também de 16 entrevistas, realizadas no ano 2000 (amostra TENDÊNCIA do PEUL/UFRJ). É fonte de 550 dados; a terceira amostra - modalidade escrita formal - consta de textos extraídos de dois periódicos cariocas (*Jornal do Brasil* e *O Globo*) no ano 2000. É fonte de 783 dados.

A quarta e quinta amostras não têm restrição quanto à origem dos informantes mas é dirigida a leitores cariocas. Trata-se de modalidade escrita informal: 20 revistas de histórias em quadrinhos infantis entre as mais difundidas no Rio de Janeiro, abrangendo os anos '80 e '90 do último século (Gryner, Spinelli e Cutri, 2002). São fonte de 649 e 298 dados, respectivamente.

4 A distribuição dos dados: sub-amostras *modal* e *não-modal*

Numa primeira etapa, pesquisamos a oposição entre a variante flexionada (futuro sintético) e as não-flexionadas (presente e futuro perifrástico) em verbos modais e não-modais, que caracteriza os dois registros mais polarizados. Esta distribuição reflete a origem do futuro perifrástico em construções com verbo modal no presente.

Vimos anteriormente que determinados contextos projetam o evento no futuro. São, principalmente, advérbios de tempo, prótases condicionais e verbos modais. Nesses contextos a realização do conteúdo do verbo é transferida, de maneira inequívoca, para o tempo futuro, as marcas de futuro. Assim, seguindo o princípio funcional da economia, tendem a ser omitidas, favorecendo a variante não marcada.

Visando a controlar os efeitos da forte restrição dos contextos modais em favor do presente do indicativo, dividimos cada uma das amostras em duas

sub-amostras, de acordo com o verbo flexionado: *não modais* (cf. 1-3) e *modais seguidos de infinitivo* (cf. 4-6, abaixo):

- (4) O elemento que adquirir um aparelho no plano perfil ATL *terá que permanecer* (forma modal sintética) durante 12 meses no perfil escolhido (escrita formal).
- (5) *Como costuma acontecer em todo Mundial, jornalistas* vão querer conhecer (forma modal perifrástica) a opinião de Pelé sobre grandes fatos (escrita formal).
- (6) *O pessoal fala assim: "Ó, do jeito que este regime tá, a gente* precisa conseguir (forma modal presente) antes um estágio de democracia" (falado informal).

Os gráficos 1 e 2, abaixo, descrevem a distribuição entre futuro sintético, presente do indicativo e futuro perifrástico em contextos *modais* e *não-modais*, respectivamente. Os resultados correspondem a 1333 dados obtidos nas amostras de fala informal e de escrita formal do ano 2000.

Gráfico 1 - Distribuição das variantes de futuro sub-amostra *modal* (n = 645)

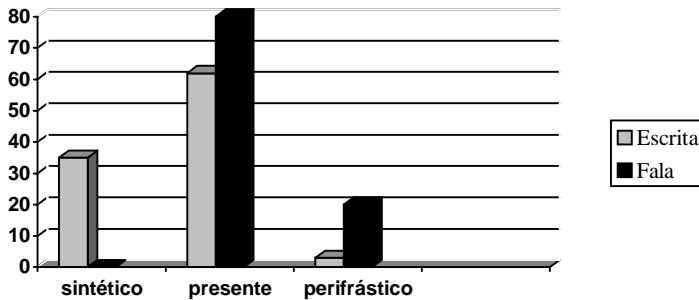
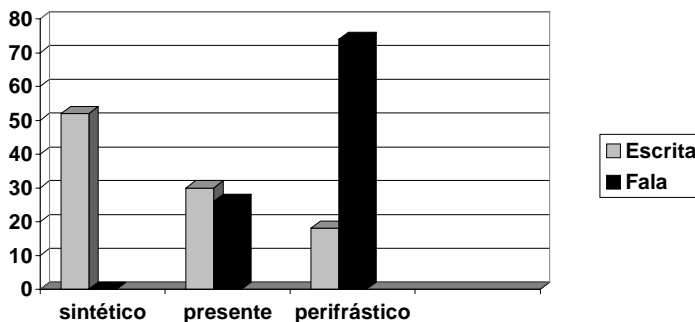


Gráfico 2 - Distribuição das variantes de futuro sub-amostra *não-modais* (n = 688)



Os gráficos 1 e 2 apontam uma pronunciada diferença na distribuição das variantes nos contextos falado e escrito. Observa-se que:

- em verbos modais - o presente é a forma mais usada, tanto na fala (80%) quanto na escrita (62%);
- em verbos não modais - a distribuição das formas é complementar: o futuro sintético (52%) é a forma mais usada na escrita e a que menos ocorre na fala (03%); o perifrástico é a forma mais usada na fala (74%) e a que menos ocorre na escrita;
- Em ambos os casos o futuro sintético já desapareceu da língua falada.

Observe-se que as altas taxas de futuro perifrástico na língua falada não significam que a gramaticalização da construção - passagem de 'i' modal (no presente do indicativo) seguido de infinitivo para o futuro perifrástico com 'i' (marca temporal) seguido de infinitivo - se completou em todos os casos. Uma prova da persistência da construção com IR modal é a alternância entre a variante sintética e o presente no verbo auxiliar *ir* (*irei ganhar vs vou ganhar*), embora algumas vezes seja interpretada, a nosso ver erroneamente, como se não veiculasse conteúdo modal. (cf. Gryner 2002).

Observe-se que as taxas de uso das formas de futuro no contexto natureza do verbo flexionado, na linguagem formal, obtidas através do programa VARBRUL (Pintzuk, 1988) são reveladoras (cf. tabela 2).

Tabela 2 - Variantes de futuro perifrástico e presente e natureza do verbo flexionado - em pesos relativos

Forma flexionada	Presente	Futuro perifrástico
Não-modal	.40	.73
<i>ter que / precisar + Inf</i>	.65	.49
<i>Poder / dever + Inf</i>	.87	.69
<i>Ir + Inf</i>	.98	-

Os números acima mostram uma forte tendência à cristalização dos verbos modais no presente do indicativo encabeçada pela estrutura modal *ir*+ infinitivo (.98), justamente a forma que dá origem ao futuro perifrástico homônimo e que se mantém produtivo ao lado da forma inovadora (Gryner, 1990).²

5 A análise sociolingüística

A parte central deste estudo se baseia nas propostas teóricas e metodológicas da teoria da variação e mudança (Labov, 1972 e 1994) e do

² A persistência do efeito de fatores semânticos associados à forma lexical 'i' (volição, movimento e animação, entre outros) confirma que a construção mantém um vínculo semântico entre o futuro perifrástico e as formas que o precederam.

modelo funcional da linguagem (Givón, 1995). Para estabelecer o papel do princípio da marcação na distribuição e evolução das variantes do futuro seguimos a perspectiva laboviana. Visando a estabelecer os índices de mudança em progresso e de acessibilidade cognitiva, procedemos à correlação estatística entre as três formas variantes (o futuro sintético, o futuro perifrástico e o presente pelo futuro) e duas variáveis independentes: *passagem do tempo real* e *atitude epistêmica*. Foram contrastados os contextos relevantes para a emergência do futuro perifrástico: verbos modais vs não modais e escrita formal vs fala informal

6 As Variáveis

Foram pesquisadas duas variáveis. Uma social: a passagem do tempo (1980-2000) e uma semântica: escala epistêmica.

6.1. Passagem do tempo (mudança em tempo real)

O estudo das formas de futuro em HQ nos últimos cem anos confirmou a mudança em progresso. A partir de 1960 ocorre uma inversão gradativa na distribuição das variantes: redução do uso do futuro sintético e aumento de presente em verbos modais e futuro perifrástico nos não-modais. Este processo se acelera nos últimos 20 anos. Seja por aumento na informalidade das publicações dirigidas às crianças e/ou por importação de inovações orais na prática escrita informal, a variante sintética começa a desaparecer das HQs (cf. tabela 3).

Nos verbos modais, a brusca redução da variante flexional, formalmente mais complexa, leva ao incremento do presente do indicativo, formalmente menos complexo (cf. tabela 3). A forma emergente é (ainda?) pouco freqüente em verbos modais.

Tabela 3 - Efeito do tempo real: *futuro sintético vs. presente* em verbos modais

	Futuro sintético			Presente			Total
	N	Percet	Peso Relat	N	Percet	Peso Relat	
1980	130	47	.43	142	52	.57	272
1990	20	12	.12	138	87	.85	158

Nos verbos não-modais, que são a maioria, a redução da variante sintética é compensada pelo aumento da variante perifrástica (cf. tabela 4).

Tabela 4 - Efeito do tempo real: *futuro sintético vs. futuro perifrástico* em verbos não modais

	Futuro sintético			Futuro perifrástico			Total
	N	Percet	Peso Relat	N	Percet	Peso Relat	
1980	130	34	.27	247	65	.73	377
1990	20	14	.12	120	85	.88	140

Podem-se traçar os passos que levaram a emergência do futuro perifrástico. Na origem, a construção perifrástica, formada por um verbo modal no presente seguido de um infinitivo, é formalmente menos complexa e mais freqüente, portanto, menos marcada que a variante com modal no futuro sintético. Com o desaparecimento do futuro sintético, as formas perifrásticas modais tornam-se gramaticalizadas e assumem o papel funcional de marcar a referência de futuro. À medida que se torna funcional e formalmente mais complexa, a construção perifrástica, agora alternando com a terceira variante - o presente do indicativo - na expressão do futuro, passa a ocorrer menos freqüentemente. Gradativamente, esta forma perifrástica se generaliza como a nova forma marcada para expressar o futuro, invertendo seu *status* de marcação.

6. 2. Atitude epistêmica: acessibilidade

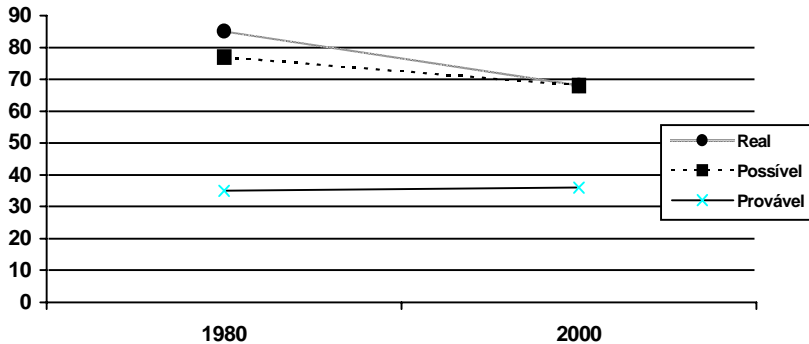
Na seção precedente apresentamos o efeito da *freqüência* e da *complexidade formal* na marcação das variantes. Vimos como a alta freqüência das construções com verbos modais (em especial *ir*) no presente, faz surgir, com o passar do tempo, um segundo ciclo de gramaticalização do futuro, isto é, o futuro perifrástico, formalmente mais complexo e menos freqüente que a construção modal. Para demonstrar o papel do princípio da marcação na evolução do futuro, testamos o último critério proposto por Givón (1995): a complexidade cognitiva. Analisamos o efeito escala epistêmica em dois momentos -1980 e 2000- na fala informal (Gryner 2003).

As escalas epistêmicas constituem uma gradação semântico-pragmática baseada nas diferentes atitudes do falante em relação à realização do evento. Bybee (1994) atesta que as escalas epistêmicas em enunciados condicionais variam translingüísticamente. Em português (Gryner, 1998) a gradação epistêmica é caracterizada pela forma verbal da prótase. Assim, as variantes de futuro do presente em condicionais estão associadas a três graus epistêmicos: *real*, *provável* e *possível*, correspondentes a três níveis de complexidade ou acessibilidade cognitiva:

- (i) *certo* ou *real* - acessível: pode ser parafraseado por *já que* como em (7)
(7) Então, eu acho que é o seguinte: [*já que*] você é um ser humano; então você *tem* o direito de falar o que você quiser, tá? (fala informal)
- (ii) *provável* - menos acessível: pode ser parafraseado por *sempre que*, como em (8)
(8) Se a pessoa me contar uma coisa e pedir segredo eu *guardo*. Agora, se me contar uma coisa por contar... eu não *guardo* segredo, né? (fala informal)
- (iii) *possível* - pouco acessível: pode ser parafraseado por *se por acaso*, como em (1), reescrito como 9
(9) Eu jamais serei capaz de revelar segredos que possam vir causar problemas para as pessoas. (escrita formal)

O gráfico 5 apresenta o efeito da atitude epistêmica no uso do futuro perifrástico (vs presente do indicativo) na fala informal, em dois momentos distintos: 1980 e 2000.

Gráfico 3 - Atitude epistêmica e futuro perifrástico (vs presente) em tempo real (fala informal)



Os resultados do Gráfico 3 refletem uma mudança no uso da forma perifrástica. De acordo com o princípio da *marcação*, associado ao princípio da *iconicidade*, conteúdos mais perceptíveis, cognitivamente mais acessíveis, são codificados por formas menos marcadas (Givón, 1995). Em dois dos três casos estudados, o princípio é validado:

- os contextos *prováveis*, relativamente mais acessíveis, desfavorecem o futuro perifrástico - (.35) em 1980 -, isto é, favorecem a variante formalmente menos marcada, o presente do indicativo;
- os contextos *possíveis*, cognitivamente menos acessíveis, apresentam altas taxas de futuro perifrástico, a forma mais marcada, - (.75) em 1980 e (.68) em 2000 - isto é, desfavorecem o presente.

Os contextos *reais*, porém, parecem contradizer o princípio da *marcação* e da *iconicidade*. Embora veiculem conteúdos 'certos', disponíveis na memória de curto prazo e, portanto, mais acessíveis, favorecem o futuro perifrástico (.85) e não o presente do indicativo.

As taxas elevadas de perífrase em condicionais *reais* - (.85) em 1980 - constituem sinal dos vestígios dos traços semânticos assertivos do presente do indicativo de *ir* modal da construção original. Elas evidenciam indiretamente que a perífrase não se gramaticalizou completamente como futuro.

Entretanto, comparando as taxas de 1980 com as de 2000, vemos que o uso do futuro perifrástico em contextos *reais* tende a decrescer - (.68) em 2000. Isto é, com o passar do tempo, a construção se gramaticaliza como futuro e as taxas de perífrase em enunciados *reais* decrescem. Assim, há um decréscimo de frequência em contextos reais e um aumento da complexidade formal. Como futuro perifrástico, a construção se torna cada vez menos *real* e mais *possível*, ou seja, cognitivamente menos acessível. Desta forma, o terceiro critério de marcação, a complexificação cognitiva, tende a ser totalmente validado.

Comentários finais

O estudo da variação e mudança das formas de futuro do presente no português carioca confirma que os valores que definem a marcação – frequência, complexidade formal e complexidade cognitiva – não são estáticos. Eles variam de acordo com contextos sociais e discursivos: o tempo, a formalidade e a atitude epistêmica.

Ao lado das formas originais, futuro sintético (flexional) e presente do indicativo (não flexional), surge uma nova variante, o futuro perifrástico, derivado do presente em construções com verbo modal *ir* seguido de infinitivo. A frequência de uso das três variantes revela que paralelamente os valores de marcação das formas de futuro passam a inverter-se. A passagem do tempo e o aumento da informalidade tendem a reduzir – e eventualmente eliminar – o uso do futuro sintético conservador, forma menos freqüente, menos acessível e formalmente mais complexa, portanto, mais marcada. Ao mesmo tempo, o auxiliar *ir* que, como presente do indicativo era originariamente uma forma mais freqüente, mais acessível e formalmente menos marcada, gramaticaliza-se na construção de futuro perifrástico, que passa a desempenhar a função do futuro sintético. Neste processo, a construção se torna gradativamente menos freqüente, menos acessível e, portanto, mais marcada.

Abstract

This paper deals with the actuation of the functional principle of markedness in the Brazilian Portuguese Language of Rio de Janeiro. It focuses the evolution and change of verbal future, more specifically, the grammaticalization process of periphrastic construction. Three variants will be analyzed: the synthetic future, the periphrastic future and the present with future reference. It was confirmed that the origin of the periphrastic future is correlated with the changes in the frequency, cognitive accessibility and formal complexity values, that's to say, with the inversion of marked values.

Referências

- BRIGHT, W. Social Factors in Language Change in *The Handbook of Sociolinguistics*, Florian COULMAS, Oxford, Blackwell, 1997.
- BYBEE J., PERKINS, R & W. PAGLIUCA. *The Evolution of Grammar. Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. The University of Chicago Press. Chicago e Londres, 1994.
- BYBEE, J. L. & S. FLEISHMAN. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam, John Benjamins, 1995.
- GIBBON, A.O. *A Expressão de tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis, 2000.

- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar: a prospectus*. Amsterdam, John Benjamins, 1995.
- _____. *Syntax: A Functional-Typological Introduction*. Vol.2. Amsterdam. Benjamins, 1990.
- GRYNER, H. Equilíbrio e desequilíbrio na evolução das estruturas condicionais. In: *Mudança lingüística em tempo real*, PAIVA M.C. e M.E.L. DUARTE (orgs). Contra Capa.Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *Grammaticalization paths in the evolution of the future tense in Brazilian Portuguese*. Paper presented in NEW REFLECTIONS ON GRAMMATICALIZATION 2. Universiteit van Amsterdam. Holland. 2-4 April, 2002.
- _____. *Varição e iconicidade: a representação morfossintática de uma hierarquia semântica*. Revista de Estudos da Linguagem. v.7 n.2, 139-160, jul-dez. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- _____. *De volta às origens do futuro: condicionais possíveis e a perífrase ir + infinitivo*. Comunicação em conferência do GEL, S. Paulo.mimeo, 1997.
- GRYNER, H, SPINELLI, L.S. e J.ALBUQUERQUE. *A História do Futuro nas Histórias em Quadrinhos*. Comunicação no XVII Congresso da ASSEL-Rio UERJ. Rio de Janeiro.mimeo, 2003.
- HOPPER. P.J. e E. TRAUGOTT. *Grammaticalization*. Cambridge. Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia. University of Pennsylvania Press, 1972a.
- _____. *Principles of Linguistic Change*. I: Internal Factors. Oxford. Blackwell
- POPLACK, S. 2001. Variability, frequency and productivity in the irrealis domain of French. In Bybee, J. and P.Hopper (eds), *Frequency effects and emergent grammar*. Amsterdam: Benjamins. 405-428, 1994.
- _____ and D.TURPIN. Does the FUTUR have a future in (Canadian) French?. *Probus* 11(1):33-164, 1999.
- PINTZUK, Suzan. 1988. VARBRUL Programs.mimeo.
- SANTOS, A. M. *O Futuro verbal no português do Brasil em variação*. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília, 1997.
- SANTOS, J.R. *A Variação entre as formas de futuro do presente no português formal e informal falado no Rio de Janeiro*. Tese de mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ, 2000.